



**A contextualidade da literatura judaica: as vozes do exílio e da diáspora**  
The Contextuality of Jewish Literature: the Voices of Exile and Diaspora

**Helena Lewin\***

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) | Rio de Janeiro, Brasil  
hlewin3@gmail.com

**Resumo:** Este artigo analisa a história judaica que tem sua origem marcada por um irreversível ato de ruptura determinando seu perfil identitário. Abraão, o patriarca fundador, desprende-se de seu passado para seguir o “chamamento” que estabelece uma nova relação “homem/divindade”, tendo como princípio normativo a existência de um deus único em contrapartida ao culto politeísta de sua casa paterna. Duas vertentes caracterizaram o fundamento do novo devir: o princípio do monoteísmo e a errância inaugural em busca da terra divinamente prometida: Canaã.

**Palavras-chave:** História judaica. Identidade. Errância.

**Abstract:** This article analyzes the Jewish history that has its origin marked by an irreversible act of rupture determining its identity profile. Abraham, the founding patriarch, detaches himself from his past to follow the "call" that establishes a new relationship "man / divinity" having as normative principle the existence of a single god in counterpart to the polytheistic cult of his paternal house. Two aspects marked the foundation of the new becoming: the principle of monotheism and the inaugural wandering in search of the divinely promised land: Canaan.

**Keywords:** Jewish History. Identity. Wandering.

Conforme registra a Bíblia, a história judaica tem seu começo marcado por um irreversível ato de ruptura determinando seu perfil identitário. Abraão, o patriarca fundador, desprende-se de seu passado para seguir o “chamamento” que estabelece uma nova relação “homem/divindade” tendo como princípio normativo a existência de um deus único em contrapartida ao culto politeísta de sua casa paterna. Duas vertentes caracterizaram o fundamento do novo devir: o princípio do monoteísmo e a errância inaugural em busca da terra divinamente prometida: Canaã.

“[...] o Senhor disse a Abrão: sai da tua terra, e da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei.

---

\* Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e Professora Colaboradora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



E far-te ei uma grande nação e abençoar-te-ei e engrandecerei O teu nome, e tu serás uma benção.

Assim, partiu Abrão, como o Senhor lhe havia dito.

E tomou Abrão a Sarai, sua mulher, e a Ló, filho de seu irmão, e toda sua fazenda que haviam adquirido e as almas que lhe cresceram em Harã; e saíram para ir à terra de Canaã e vieram à terra de Canaã.” (Gn 12:1-5)

Ao longo da história judaica, essa procura se reproduzirá em inúmeros momentos, tendo como culminância o êxodo do Egito, marcado por quarenta anos de travessia, à procura da terra de Canaã. Embora o deserto se caracterize por ser um espaço vazio de atividade humana, o Sinai foi pleno de significados. Sobre o deserto, como uma folha em branco, escreveu-se uma epopeia que culminou na saga da liberdade do jugo faraônico, como berço de uma nova era na história judaica. A travessia do deserto caracterizou-se, portanto, por se configurar como mito fundador de uma nação sustentada sobre os mandamentos bíblicos outorgados por Moisés, cujo desejo de liberdade, após estendida escravidão, tornou-se um valor básico do judaísmo que se incorporou à formação de sua identidade milenar.

Esta noite se guardará ao Senhor porque nela os tirou da terra do Egito; esta é a noite do Senhor, que devem guardar todos os filhos de Israel nas suas gerações. (Ex 12:42)

Empenhar-se por Canaã, posteriormente substituída por Jerusalém – espaço sagrado onde o Templo foi duas vezes erigido e duas vezes destruído – configurou-se como um projeto coletivo de resistência religiosa. Essa busca não se apresentava datada, mas o horizonte de sua concretização permaneceu intocado e sua realização não consistia, em apenas reunir os dispersos – os que estavam em diáspora. Era um plano complexo porque inserido na dimensão religiosa perpassada pelo ideal messiânico.

De um modo geral, pode-se afirmar que cada errância, dispersão ou travessia – e são inúmeras ao longo de sua trajetória pluritemporal e espacial – significa interrupções na sua continuidade étnica religiosa, como decorrência do inevitável processo de cruzamento e de trocas interculturais, entre os que chegam e os que estão estabelecidos. O resultado dessa aritmética social assimétrica é uma situação de adaptação na qual a submissão dos que chegam implica no refazimento de certas premissas de conduta que alteram suas práticas originais. Uma via alternativa para permanecer relativamente integrado em sua cultura originária, o judeu optou voluntária ou foi obrigado a se manter “em separado” discriminado ou guetonzado – resultando em uma barreira à assimilação religiosa, criando muros invisíveis de proteção, mantendo-se isolados nos guetos e nas judiarias.



Sem territorialidade própria, reconhecimento social e considerados estrangeiros, o que move os judeus a não abandonar sua identidade religiosa, apesar da adversidade? Essa persistência, quase teimosa, está intimamente associada à evocação de seu destino messiânico. Para que sejam sujeitos desta futura bênção, os judeus elaboravam a obrigação de estudo e obediência aos seus fundamentos bíblicos como fortalecimento individual e mecanismo de defesa coletiva.

A espera do Messias, de forte apelo emocional e de reforço da fé, provocou atitudes de duplo significado. De um lado, atitudes de conformidade e fatalismo e, de outro, o fortalecimento da esperança quanto à iminente realização da nova era prometida. A crença messiânica era tão dominante na cultura tradicional judaica, que em momentos de terríveis acontecimentos, surgiam “falsos messias” que arrebatavam multidões de seguidores e a posterior lamentação frente ao desapontamento vivido.

Três conceitos fundamentais acompanham os eventos históricos judaicos, principalmente Exílio (*galut*) – expulsão de um povo de sua pátria convertendo-o em prisioneiro ou escravo gerando o banimento;

Diáspora (*golá*) - dispersão de povos consequente do desterro impossibilitando sua sobrevivência por conta de perseguições de mandatários intolerantes;

Redenção (*gueulá*) – corresponde à redenção messiânica (a nova era).

Para os judeus e sua ortodoxia bíblica, a condição de exílio expressava-se pela sua impossibilidade de retorno pessoal e coletivo a sua antiga pátria, enquanto no caso da diáspora ocorre apenas em termos individuais, sempre dependente da concordância dos mandatários vigentes sobre o território ocupado.

Vários autores<sup>1</sup> identificam um conjunto de critérios, que pela combinação do conjunto elaboram uma definição de diáspora: um “desastre” que provoca a dispersão coletiva de um grupo; o papel desempenhado pela memória coletiva, que lembra os fatos motivadores da dispersão gerando, assim, uma herança cultural; uma vontade de transmitir esta herança cultural com a finalidade de manter a identidade específica; a consideração da terra natal como o verdadeiro lar e ao qual um dia deverá retornar; a crença num compromisso de restaurar ou apoiar coletivamente a terra natal; a manutenção de algum tipo de vínculo com a terra natal, baseado na crença de um destino comum e desejo positivo de retorno.

Caberá ao profeta Jeremias exortar os judeus a tomar o exílio como provisório. Ezequiel, por outro lado, em seus oráculos apontava as transgressões do povo de

---

<sup>1</sup> CHALIAND; REGEAU, 1991.



Israel como responsáveis pelo exílio babilônico, indicando, simultaneamente, a esperança da restauração de Jerusalém cuja profecia, após setenta anos de exílio, se realizou. Como nos Salmos:

Junto aos rios da Babilônia nos assentamos e choramos, lembramo-nos de Sion.  
Nos salgueiros penduramos nossas harpas.  
Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se minha destra de sua destreza.  
Apegue-se-me a língua ao paladar se me não lembrar de ti, se não preferir Jerusalém à minha maior alegria. (Sl 137:1-5)

Modernamente, o Estado de Israel ao estabelecer a Lei de Retorno, permite o regresso de todo judeu, se assim o desejar, eliminando as anteriores condições de exílio e diáspora, permanecendo à espera da vinda do Messias para os judeus ortodoxos.

Historicamente, em todas as culturas antigas a destruição do santuário implicava em seu desaparecimento como entidade política autônoma. Os judeus, conseguiram substituir o edifício de pedra em um templo invisível inscrito em seus corações, adotando o estudo da Bíblia como fonte de inspiração e de espera, impedindo seu desaparecimento espiritual.

Considerando a errância histórica judaica, Haddad<sup>2</sup> afirma que os judeus transportavam consigo essa pátria espiritual “na sola de seus sapatos”, nos corações e nos músculos fortalecidos para enfrentar o exílio e suas inúmeras diásporas. A destruição do Templo de Jerusalém, portanto, correspondia a uma verdadeira tragédia oriunda da ruptura de sua função normativa. A relevância dessa pátria espiritual era tão profunda que os judeus celebravam seus rituais e preces voltados fisicamente para Jerusalém, desejando a concretização de sua redenção messiânica.

Para Freud, a sobrevivência do judaísmo assume um caráter paradoxal, fora dos padrões da normalidade histórica:

Os historiadores dizem que se Jerusalém não houvesse sido destruída, nós os judeus, teríamos desaparecido como tantos outros povos antes e depois de nós. Foi somente depois da destruição do Templo que o edifício invisível do judaísmo pôde ser construído. Se o judaísmo conheceu um destino diferente de outras civilizações que desapareceram quando seus santuários foram destruídos foi porque, um edifício invisível substituiu aquele de pedra transformando o seu substrato latente em um templo espiritual que passou a preencher as funções do anterior

---

<sup>2</sup> HADDAD, 1992.



templo manifesto, transferindo para a esfera pessoal a responsabilidade de cada judeu de criar seu templo interior.<sup>3</sup>

Uma possível interpretação dessa aderência permanente da fé no judaísmo ortodoxo, deve-se ao fato de se ter processado uma metamorfose radical ao introduzir a questão nacional como parte intrínseca da própria religião. A Bíblia apela para a integridade do judeu ao afirmar que carrega consigo a *Shekhina*, ou seja, a presença divina, onde quer que esteja. Com isso, em sua situação de exílio ou diáspora, o judeu não se encontrava abandonado por Deus e como resultado produz um sentimento de pertencimento obediente e conformista. Manda a Bíblia (Êx 25:8) que o crente deve construir para si um templo interior, onde predomina fidelidade às leis e mandamentos, carregando, dentro de si, a religião e a pátria/nação. Esses fatores de ordem simbólica fortaleceram a esperança de sobrevivência judaica elevando sua força de enfrentamento às condições sociopolíticas hostis.

Segundo Seltzer,<sup>4</sup> os profetas se distinguiram pela coerência, clareza, inteligibilidade e à medida que se desenvolvia o movimento profético, tornou-se cada vez mais evidente que sua mensagem tornou-se o foco central e não apenas um meio. O “dom profético” era reconhecido visto que sua legitimidade estava vinculada à palavra divina. “Deus revela seu segredo através do profeta” (Am 3:3-7). O papel dos profetas foi fundamental ao criar uma literatura de denúncia contra o abandono dos preceitos religiosos e as injustiças sociais prevendo castigos que seriam perdoados a partir da volta aos mandamentos exigidos. As vozes dos exilados e daqueles que se sentiam em diáspora embalsamaram as canções de ninar até aquelas de tristeza e de saudade de sua Jerusalém.<sup>5</sup>

A atividade profética foi importante na construção da literatura bíblica. Como poetas proferiram suas falas em forma de lamentações, diálogos dramáticos, julgamentos e canções cuja tradição dos salmos muito influenciou sua forma de expressão. Vocalizavam suas mensagens para a coletividade e eram, sobretudo, pregadores que denunciavam os desvios e os castigos futuros.<sup>6</sup>

Seltzer afirma que “a Bíblia é um ramo integral da literatura antiga do Oriente Próximo como um todo”, acrescentando que a narrativa é “uma tela tecida com muitos fios de variada idade e diferentes texturas”.<sup>7</sup>

Historicamente, a trajetória judaica tem exibido uma trágica narrativa de discriminações e sofrimentos e, em todos os casos relatados, os judeus reagiram com

---

<sup>3</sup> HADDAD, 1992, p. 45.

<sup>4</sup> SELTZER, 1990, p. 156.

<sup>5</sup> HESCHEL, 1975.

<sup>6</sup> SCHOLEM, 1995.

<sup>7</sup> SELTZER, 1990, p. 97.



passividade e resignação, usando a imigração como solução para seu problema – imigração para outras terras e países e não para a terra de Israel.

Que fatores intervieram fortemente para que os judeus reagissem as perseguições e aos *pogroms* do século XIX, voltando-se para Sion?

Segundo Shlomo Airneri:

[...] o vínculo com Sion era um forte componente de um sistema de valores. Mas, como elemento de “práxis” histórica e de mudanças reais ao longo da sua trajetória foi quase totalmente passivo. O pensamento religioso judaico desenvolveu uma estrutura teórica para legitimar esta passividade com um forte ceticismo em relação a qualquer intervenção humana no esquema divino da realidade. A providência divina, e não a intervenção humana, é que deverá determinar quando e como os judeus serão redimidos para retorná-los do exílio à Sion.<sup>8</sup>

Como ocorre a metamorfose e o deslocamento de Sion, que se converte de terra sagrada à espera do milagre da vinda do Messias em “território – sujeito” e “terra – objeto político” do povo de Israel?

Várias respostas interpretativas se apresentam. A mais referenciada é a questão do antissemitismo crônico europeu crescentemente violento que desesperava as massas judaicas com os ferozes *pogroms* de 1881-1882 na Rússia czarista, o *affaire* Dreyfus, além das teorias raciais pseudocientíficas que circulavam com intensidade entre a elite intelectual.

Historiadores têm apontado o século XIX como aquele no qual os judeus experimentaram econômica, política e intelectualmente, de forma individual e coletiva, o maior reconhecimento social por parte da sociedade inclusiva na qual viviam nos países europeus. Tomando o intervalo de cem anos, entre 1810 a 1914, e comparando com o desempenho judaico em períodos anteriores, é possível afirmar ter havido uma profunda revolução na vida judaica, na medida em que grandes parcelas de sua população foram sujeitas às leis de emancipação política, que lhes garantia legalmente novos direitos semelhantes àqueles destinados a seus cidadãos.

Essa nova realidade contrariava a anterior situação dos judeus que ainda viviam à margem, mais ou menos tolerados em suas sociedades de origem nas quais continuaram excluídos de posições públicas, do acesso às universidades, do desempenho de determinadas funções administrativas e políticas, de servir o Exército e segregados domiciliarmente em áreas restritas e controladas.

---

<sup>8</sup> AVINERI, 1991.



No início da Primeira Guerra Mundial, passados cem anos desde a emancipação dos judeus, eles se deslocaram da periferia para o centro da sociedade europeia e sua presença era visível em todas as metrópoles, atingindo uma proeminência muito além de seus números demográficos, em todos os ramos das atividades urbanas.

Uma nova pergunta se agrega às anteriores; se o século XIX foi tão reparador para o judeu, resgatando-o como partícipe dos destinos de suas sociedades, por que surgiu um movimento político de alta atratividade – o sionismo – que exibia, como proposta, desenraizá-lo dos países em que residia e onde estava assentado centenas de anos?

A resposta à interrogante acima formulada não dizia respeito às questões econômicas *stricto sensu*, mas a uma nova categoria social que fora introduzida nos debates do Iluminismo – a identidade – que demandava respostas modernas, de difíceis de elaboração, dada a ausência de situações anteriores idênticas sobre as quais os judeus pudessem sustentar seu raciocínio.

O Iluminismo, entre outras marcas de mudança manifestadas em relação aos judeus, elaborou uma nova percepção acerca de sua imagem autoconstruída e daquela percebida pela sociedade inclusiva. Ao transformar os judeus em detentores de cidadania e portadores de direitos de igualdade política e de nacionalidade laica, a religião revelou-se uma categoria particular, doméstica, de culto pessoal desligada de sua vida como atores públicos.

As comunidades judaicas, que construíram sua infraestrutura sócio religiosa para atender aos obstáculos que se antepunham a sua nova trajetória. Isto porque, o judaísmo deixou de ser a única e verdadeira religião para ser percebida como uma religião entre outras religiões, nos quais a tradição e a memória ficaram determinadas aos limites impostos pela modernidade.

Como os judeus decodificavam a questão da identidade que lhes escapava por terem optado pelos direitos universalistas da cidadania, em que as diferenças religiosas e étnicas não tinham espaço. As pessoas não mais se identificavam como judeus mas como franceses, ingleses, russos. Ou seja, a identidade passou a ser definida pela integração e coesão nacional.

A autopercepção da sociedade majoritária não se transformou em uma fraternidade igualitária mas em uma identidade distinguida pelo nacionalismo, pela etnia, pela língua comum e por um passado histórico, real ou imaginado. Nesse contexto, o indivíduo judeu emancipado desejava participar plenamente dessa nova sociedade de base universalista, porem permanecia a questão de saber se poderia se considerar e ser considerado pelos demais como um francês, alemão ou inglês. Entretanto, se era seu desejo ser assim denominado, a pergunta permanecia em saber que base histórica



a nacionalidade recente deveria sobrepujar em importância a sua identidade milenar. Este foi um desafio difícil de ser sobrepujado.

Dessa forma, o liberalismo e o nacionalismo forjaram, nesses judeus, o início de uma nova auto percepção não mais determinada em base religiosa, mas semelhante ao moderno nacionalismo secular da Europa.

O sionismo como pensamento sociopolítico emergente nos séculos traduziu a anterior linguagem bíblica em propostas laicas que apontavam para Sion, o roteiro futuro dos judeus dispersados, fortalecendo ideologicamente a concretização do sonho milenar, embora esvaziada de seu conteúdo messiânico. O sionismo foi, assim, o grande movimento de conscientização política em relação ao laço histórico com a Terra de Israel, despertando um símbolo e uma promessa que jaziam adormecidas e restaurando o nacionalismo em termos estritamente judaicos.

A tragédia do Holocausto tornou-se um fator de amplo entendimento sociopolítico de que o martírio de seis milhões de judeus transformou-se em forte apelo ao seu regresso à anterior pátria espiritual e histórica.

## Referências

AVINERI, Slomo. *The Making of Modern Zionism: the Intellectual Origins of the Jewish State*. Jerusalem: The Hebrew University, 1991.

CHALIAND, G.; REGEAU, Jean-Pierre. *Atlas des Diasporas*. Paris: Editions Odile Jacob, 1991.

SAFRAM, W. Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return. *Diaspora*, v. 1, n. 1, 1991.

HADDAD, Gerard. *O filho ilegítimo: as fontes talmúdicas da psicanálise*. Trad. David Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

HESCHEL, Abraham J. *The Prophets*. 2 v. p. 87. New York: Harper & Row, 1975.

SCHOLEM, Gershon. *The Messianic Idea in Judaism*. New York: Schocken Books, 1995.

SELTZER, Robert M. *Pensamento judaico: a experiência judaica na História*. Trad. Elias Davidovich. Rio de Janeiro: Koogan Ed., 1990.

-----

Recebido em: 10/02/2017.

Aprovado em: 14/03/2017.